



Contribuições da Filosofia e da Psicologia para o Estudo do Espírito

Alessandra dos Santos Pereira¹

Introdução

Após adentrar mais de uma década no século XXI, a Doutrina dos Espíritos continua sendo uma grande desconhecida. Esta afirmação revela que, mesmo diante do tríplice aspecto do Espiritismo – científico, filosófico e religioso –, há uma imensa necessidade de aprofundar as ideias propostas por Allan Kardec, com vistas a ampliar a compreensão dos espíritos sobre os elementos que fazem parte da Vida do Espírito.

Necessário é dar atenção especial ao Espírito, uma vez que, estudando-o, pode-se conhecer seus cenários mais sutis e, por consequência, construir uma visão mais condizente com a proposta espiritista. Este ponto de vista institui um paradigma nos estudos espíritas, alicerçando sua base no processo contínuo da Vida do Espírito.

Ao fazer estas considerações é possível encontrar contribuições valiosas no campo acadêmico oriundas das ciências comuns que favorecem o estabelecimento de pontos cartográficos orientadores nas investigações sobre o Espírito. Certamente, com a luz do Espiritismo projetada sobre estes campos de conhecimento, a percepção do Espírito (SER) pode ser ampliada apreciando, inclusive, as diversas existências e o intercâmbio entre mundos.

Interessa então descrever as possíveis contribuições da filosofia e da psicologia que podem ser utilizadas como elementos para enveredar estudos sobre o Espírito. O recorte proposto para este artigo concentra-se no espírito na condição de encarnado ou alma, conforme propõe Kardec em O Livro dos Espíritos.

Longe de esgotar a totalidade das contribuições, antes, iniciar uma incursão na busca de elencar aqueles conceitos que mais se aproximam da dimensão espiritual e que podem de alguma maneira estabelecer ilações aos contextos presentes na vida do Espírito.

Para realizar tal mister, foi delineado um esboço do Espiritismo enquanto ciência, apresentando aquilo que compõe seu campo de estudo e a sua possibilidade metodológica de investigação. Em seguida, foram colocadas as diversas condições em que o Espírito pode ser percebido, construindo o foco no qual este artigo está assentado. Adiante, foram apresentadas algumas contribuições da filosofia e da psicologia que favorecem estudos sobre o Espírito.

¹ Estudante de Estudos Aprofundados da Doutrina Espírita (EADE) da Fundação Allan Kardec, Manaus, AM.

Espiritismo como Ciência

No preâmbulo do livro *O que é o Espiritismo*, Kardec (2006) afirma que "*O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal*". Esta assertiva deixa claro o caráter científico da Doutrina Espírita, bem como estabelece seu objeto de estudo. Seguramente, ao escrever este texto no ano de 1859, Kardec já havia debruçado alguns anos em investigações teóricas e pesquisas experimentais, afirmando peremptoriamente um novo campo de investigação e estudo.

Notadamente, a compreensão do aspecto científico no Espiritismo sofreu modificações, à medida que o entendimento de seus pesquisadores amadureceu, desenvolvendo diálogos mais pertinentes sobre aquilo que pode ser considerado ciência. Isto se deve fundamentalmente às transformações decorrentes da filosofia da ciência, que passou a atribuir análise mais detalhada aos aspectos historiográficos, na concepção da história das ciências, favorecendo uma visão mais clássica e uma visão mais atual e madura sobre o que é ciência (CHIBENI, 1987).

A visão clássica envolve um longo período de coleta de dados experimentais, nas quais não existem hipóteses teóricas de nenhuma espécie (método indutivo) e após um número suficientemente grande e variado de dados, são aplicados métodos seguros e neutros para obter as teorias que implicam em descrições objetivas da realidade investigada (CHIBENI, 1994).

A visão mais atual que conta com argumentos da filosofia da ciência, esclarece que observação e teoria, experimento e hipóteses estão juntos, num complexo processo simbiótico de suporte recíproco, e que neutralidade é desnecessária, uma vez que o homem assume papel fundamental na gênese das teorias (CHIBENI, 1991).

Sem maiores análises é possível perceber a semelhança do método clássico com aquele utilizado por Allan Kardec na época da codificação. No entanto, a visão mais atual nas pesquisas espíritas é território escasso. É necessário construir investigações consistentes, para levar adiante o projeto científico do Espiritismo, possibilitando a geração de reflexões que colaborem para a compreensão do Espírito.

Para aqueles que se interessam pelo assunto, as ciências atuais oferecem ao pesquisador espírita, a possibilidade de apreender os fenômenos, utilizando uma abordagem fenomenológica, ou seja, a busca de padrões inteligentes nos fenômenos investigados (CHIBENI, 2010).

Isto significa dizer que apesar do Espiritismo utilizar métodos de investigação das ciências tradicionais, ele se ocupa de fenômeno bastante diferente daqueles evidenciados nestas ciências. O elemento espiritual é o campo de investigação da Doutrina Espírita e o elemento material compõe o campo de investigação da chamada ciência comum.

Evidentemente, ambas as áreas possuem métodos específicos, porém, objetivos completamente distintos, não cabendo juízos de valores entre eles ou acreditando equivocadamente que o Espiritismo compõe a alçada da ciência comum. Sobre este assunto a assertiva de Kardec (2007) é oportuna:

"As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem. A Ciência, propriamente dita, é, pois, como ciência, incompetente para se pronunciar na questão do Espiritismo: não tem que se ocupar com isso e qualquer que seja o seu julgamento, favorável ou não, nenhum peso poderá ter."

Dito isto, fica claro o território ao qual o Espiritismo se assenta, evidenciando diálogos com as ciências formais sem, no entanto, comprometer seu campo de investigação. Todos os conhecimentos provenientes das ciências tradicionais podem e devem ser aproximados do Espiritismo, corroborando com seu caráter progressista e revelador.

Estudando o Espírito

Em um artigo publicado do Reformador de 1997, um pesquisador espírita propõe a existência de uma lógica subjacente à ordem e à distribuição metódica das matérias descritas por Kardec em O Livro dos Espíritos. Neste artigo, o autor sugere que ao escrever a obra, Allan Kardec também construiu uma lógica que contribui para a compreensão e possibilidades de investigação sob a ótica espiritista.

Massi (1997) afirma que sendo o Espírito o elemento inteligente que atua nos dois lados da vida (corporal e espiritual) há uma incessante correlação entre estes mundos, estabelecendo uma influência de um sobre o outro. Certamente, estes mundos são bastante distintos e isso favorece perceber que o Espírito pode ser encontrado em seis estados ou condições possíveis a respeito desses dois lados da vida:

1. Em trânsito do mundo espiritual para o corporal, isto é, em processo de encarnação;
2. Em trânsito do mundo corporal para o espiritual, ou seja, em processo de desencarnação;
3. Vivendo no mundo espiritual como Espírito;
4. Vivendo no mundo corporal como Espírito encarnado ou Alma;
5. Estando no mundo corporal e ao mesmo tempo interferindo no mundo espiritual;
6. Estando no mundo espiritual e ao mesmo tempo interferindo no mundo corporal.

Estes “estados” ou condições em que o Espírito pode ser percebido constituem verdadeiros focos de investigação. Em uma visão mais sintética pode-se dizer que o Espírito passa por três grandes processos: o de transição (encarnação e desencarnação), o viver (estar no mundo) e o intercâmbio (interferências entre mundos). Estes processos não são estáticos, antes constituem uma dinâmica relacional contínua e progressiva, gerando unicidade (MASSI, 1997).

Do ponto de vista mais pormenorizado, estas “condições” as quais o espírito está encerrado abre vasto campo para produzir conhecimentos genuinamente espíritas. Entretanto, não cabe neste momento caminhar nesta direção. Interessa tão somente extrair desta explicação a contribuição para a construção dos apontamentos a que este artigo se propõe, uma vez que as considerações descritas mais adiante, dizem respeito à condição do Espírito vivendo no mundo corporal como Espírito encarnado ou Alma.

Contribuições da Filosofia e da Psicologia para o estudo do Espírito na Condição de Encarnado

A introdução de O Livro dos Espíritos assinala que quando o espírito encontra-se encarnado podemos chamá-lo de Alma. Este termo, além de ser utilizado de maneira didática para diferenciar Alma e Espírito, também revela uma condição no ciclo de vida do espírito: o corpo.

Kardec (2007) complementa este assunto dizendo que:

“Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito.”

A trindade humana, constituída de espírito, perispírito e corpo, realiza a síntese da evolução nos corpos inferiores. Para o Espiritismo, o homem assume relação com três corpos distintos. E uma vez estando no corpo material, o Espírito encarnado necessita desenvolver os recursos necessários para o seu aperfeiçoamento moral, a partir de suas vivências.

Esta compreensão lança o Espírito na vida corporal, dimensão da existência, uma vez que, estagiar no corpo é condição fundamental à transcendência. Pires (1979) esclarece que a proposta filosófica existencial e a filosofia espírita possuem correspondência em seus conceitos, pois, ambas admitem “*que o ser é um embrião lançado à existência para desenvolver suas potencialidades*”.

Diante desta realidade é possível abrir o seguinte questionamento: Haveria conceitos provenientes das ciências tradicionais (filosofia e psicologia) que auxiliariam na construção de uma visão mais dilatada da

vida do Espírito em seu estado encarnado ou de “Alma”? Obviamente, não há a pretensão de esgotar as possibilidades acerca do assunto, mas apenas sinalizar caminhos para enveredar cognições mais pertinentes com a condição do Espírito nesta circunstância.

A partir deste questionamento e considerando o Espírito como viajor do Infinito, que estagia na Terra, na condição de “Alma” adotou-se os conceitos de *Existência e Devir*, na perspectiva filosófica, uma vez que constitui um élan na expansão da relação espírito-corpo, e no campo psicológico a noção do processo de *Diferenciação* na construção do EU atual ou da Identidade nesta existência, como conceitos-chaves que favorecem uma compreensão da “condição” temporária à qual o Espírito está submetido ao entrar no corpo.

Existência

O movimento filosófico que se ocupa da existência é denominado existencialismo. Soren Kierkegaard é o precursor deste movimento que conta também com a participação de outros filósofos como Sartre, Heidegger, Jaspers, Nietzsche, Husserl, Schopenhauer. Em sua raiz de pensamento pode-se também encontrar elementos das ideias de Sócrates e Santo Agostinho.

Existência é a qualidade de tudo que existe ou é real, que trata inclusive da natureza, realidade e existência dos seres (ontologia). A ontologia é a parte da filosofia que trata do ser enquanto ser. A compreensão do argumento ontológico para o Espiritismo é fundamental uma vez que “*na Filosofia Espírita o conceito de ser abrange todas as categorias daquilo que é, concordando, portanto com o pensamento filosófico antigo e moderno*” (PIRES, 1983). Neste sentido o homem é um ser existente ou na existência.

Conceituar existência é um desafio, porém há um consenso entre os filósofos existencialistas que abrange a ideia de que o indivíduo é o responsável em dar significado a sua vida e em vivê-la da maneira mais sincera possível. As diferenças entre os filósofos dizem respeito sobre como atingir uma vida gratificante, no que ela constitui, na superação de obstáculos, em aspectos internos e externos envolvidos e suas potenciais consequências.

A partir disto, é possível fazer uma diferença entre Viver e Existir. Pode-se afirmar que todos os seres vivem, mas apenas o ser humano existe. Existir é ter consciência de si mesmo. É buscar superar a condição humana para atingir um nível superior (transcendência) (FRANCO, 2005).

Enquanto a vida se define como uma força, um impulso que anima a matéria e, segundo a ideia hegeliana, modela as formas (HEGEL, 2001), a ideia de existência é pura subjetividade. Não vivemos como as plantas e os animais, mas sim, como espíritos ligados à matéria. Utilizamos essa matéria em função de nossas necessidades evolutivas.

Neste sentido, para o Espírito encarnado – Ser inteligente da criação – a existência participa ao mesmo tempo de duas dimensões: a espiritual e a material. Kardec (2007) reitera estas ideias quando propõe:

“Tem assim o homem duas naturezas: pelo corpo, participa da natureza dos animais, cujos instintos lhe são comuns; pela alma, participa da natureza dos Espíritos”.

Isto favorece perceber que a matéria não absorve o espírito, por vezes reflete a sensibilidade daquele que a anima. Logo, o Espírito se expressa na mente e vive no corpo. Uma vez mergulhado na matéria, o espírito tem acesso aos elementos que fazem parte da influencia material, tornando-se suscetível a esta condição, dependendo do nível evolutivo ao qual se encontra. Mas, também possui acesso ao mundo espiritual, aos elementos psíquicos mais subjetivos da própria existência. Esta duplicidade de vida instaura uma nova possibilidade de compreender e perceber suas prováveis interações com a matéria e o mundo espiritual.

O Espírito encarnado *existe*. O ser da existência, ou seja, o Ser do Espírito encarnado é o responsável em dar significado a sua vida e em vivê-la de maneira autêntica. É impossível *existir* sem considerar a dupla dimensão do Espírito. Enquanto a existência do Ser não adquire sentido ou significado o próprio *existir* é um nada. A vida de espírito nesta “condição” não é propriamente vida, mas um *existir* cuja única aspiração verdadeira é a liberdade, possível somente na interioridade do próprio Ser (PIRES, 1979).

Com isso, desconsiderar *Ser Existente*, significa privilegiar apenas a vida material em detrimento da vida espiritual ou vice-versa. É viver de maneira dicotomizada e não Existir de forma plena, inteira. Reconhecer o Espírito na condição de encarnado, a partir da noção de existência, aumenta a dimensão que o engajamento na existência interfere na organização do espírito com a matéria, e abre espaços para a construção de recursos para uma vida mais integral.

Devir ou Vir-a-Ser

Na filosofia, o “devir” pode ser entendido como “*tornar-se*” ou “*vir-a ser*”. Este conceito sugere mudanças ou processo de mudança pelas quais passam as coisas e os seres. Nasceu na Grécia antiga com Heráclito ilustrado na seguinte frase: “*tudo flui e nada permanece, tudo dá forma e nada permanece fixo*”. Sua ideia faz oposição a Parmênides que acreditava que as mudanças percebidas por nossos sentidos eram enganosas e que existiria uma verdade imutável por detrás dos sentidos. Para Platão o vir-a-ser seria o conhecimento de duas posições extremas, com a contínua necessidade de ultrapassá-las. Em Aristóteles o devir assumiu uma perspectiva de processo, no qual seria um ato na direção de receber algo, o que move o Ser para sua finalidade. Mais tarde, Hegel diz que o devir permaneceria como oposição, conforme sugeriu Platão, no entanto, a síntese seria o elemento capaz de equacionar a questão, através da dialética do ser e do não-ser. Para Nietzsche o devir não se constituiria como síntese, antes seria uma diferenciação, ou seja, uma separação promovida pelas forças da mudança (JAPIASSÚ, 1993).

O devir compõe a realidade ontológica do Ser. E o ser é um ente em vir-a-ser, em processo, em devir ou devenir. Notadamente há, em toda a obra de Allan Kardec, uma fenomenologia da individualidade espiritual, um acontecer do espírito enquanto “fenômeno”, isto é, na sua dimensão fenomênica temporal, que começa do seu surgimento ou Criação, passando por suas trajetórias fundamentais evolutivas que envolvem inclusive o “estágio” na corporalidade.

Nessa perspectiva, antes de Ser, o Espírito encarnado é uma possibilidade de ser, um devir, uma “promessa de ser”, algo ainda fechado em si mesmo. Essa coisa se projeta na existência e se abre na relação com os outros seres. Ou seja, necessita do mundo para se relacionar e abrir espaço para possibilidade de Ser, através das diversas relações que estabelece com o mundo. Este encontro proporciona o despertar e a transformação desta coisa num Ser, de forma que, uma vez estando “no-mundo”, este mesmo mundo o afeta de tal maneira que provoca tensões. Essas tensões o mobilizam, processo que lança o Ser em contínuo devir (PIRES, 1979).

Durante o processo de devir ou vir-a-ser, surge a oportunidade do Ser tomar consciência de sua natureza de Ser e com tal buscar superar suas limitações no mundo. Com isso, torna-se evidente que é no trânsito existencial que o Espírito se desenvolve e se abre para a única brecha de liberdade possível que é o uso do seu livre arbítrio (PIRES, 1964).

Apreender esta noção de ser como processo, como vir-a-ser, é fundamental para perceber a evolução pela qual o espírito atravessa. Esta visão permite distanciar-se de concepções distorcidas, estáticas e rígidas sobre as possibilidades de mudança do Espírito em uma encarnação e aproxima o entendimento de elementos mais condizentes com a proposta cristã de amor e caridade.

Diferenciação

O desenvolvimento do aparelho psíquico tende para formas superiores de organização, o que está associado, na concepção de autores diferentes, à noção de diferenciação (Spitz e os organizadores da psique), de vir-a-ser mais e o que se é (Winnicott e o verdadeiro *self*) ou de desenvolvimento do senso de identidade (Mahler e o processo de separação-individuação) (BLEICHMAR, 1993).

Isto ocorre porque os elementos que compõe o psiquismo ainda não estão suficientemente organizados para elaborar processos mais complexos, ocupando-se apenas daqueles indispensáveis à sobrevivência. Sendo assim, neste período, o psiquismo não consegue distinguir uma coisa externa de sua própria corporalidade.

Experimenta o corpo e as “coisas” como um *em-si* (SPITZ, 2000)

Ocorrem lutas contínuas entre sensações corporais agradáveis e desagradáveis todas elas necessárias para superar o alto limiar perceptivo presente no psiquismo neste momento. Apesar de este processo ser eminentemente fisiológico, suas repercussões se dão tanto no campo físico como no campo psíquico.

Estabelecendo uma relação deste processo com adesão do espírito ao corpo, percebe-se que por imposição do invólucro carnal, o psiquismo do espírito reencarnado passa por uma incapacidade temporária de assinalar diferenças entre o EU e o não-EU.

Este processo dá origem à constituição da interioridade psíquica nesta existência. À medida que o espírito encarnado vai se diferenciando, através do princípio autorregulador de prazer-desprazer, o funcionamento psicológico vai se desenvolvendo e se consolidando no devido tempo, abrindo possibilidades para relações com o outro (não-EU).

Isto vale dizer que a dinâmica psíquica ou mental – que é a via de expressão do Espírito encarnado – pode ser compreendida a partir da interação entre os elementos essenciais ao funcionamento cerebral com processos mais subjetivos e ordenadores das funções mentais.

Essas funções mentais do Espírito encarnado compreende o domínio das sensações, as percepções, a atenção, a memória, o pensamento, a linguagem, a motivação, a aprendizagem, entre outros processos. Estes elementos derivam tanto das interações de aspectos orgânicos e de situações adquiridas como resultado das relações individuais com o meio, quanto das possibilidades do Espírito de aglutinar estes elementos, coordenando-os num processo de desenvolvimento.

Diante desta realidade, a fase de diferenciação é exatamente aquela em que o ser (*em-si*), ainda na anterioridade espiritual, luta para se integrar na existência. Essa luta tem como resultado a definição do EU, ou seja, o domínio progressivo do instrumento físico da manifestação pelo espírito que nele se manifesta, esclarecendo a presença de uma herança psíquica (PIRES, 1979).

Conclusão

A partir destas exposições, pode-se vislumbrar as possíveis contribuições dos campos da filosofia e da psicologia para os estudos sobre o espírito na condição de encarnado. Ressaltando que a proposta é apenas uma abertura para diálogos e/ou construção de entendimentos que auxiliem em possíveis estudos espíritas.

Reconhece-se que cada campo de saber – Espiritismo e Ciência – possuem paradigmas bem definidos e objetos de estudo bastante diferentes. O que se anseia é a salutar relação entre estes dois elementos, compreendendo-os como “linguagens” ou “saberes” a respeito das coisas. A Doutrina Espírita é um saber sobre o mundo espiritual, as Ciências é um saber sobre o mundo material. No entanto, ambas podem construir um vocabulário na qual uma dá seguimento àquilo que a outra não possui termos para descrever, num processo mais de complementaridade que de oposição ou confirmação.

Eventualmente, esta colaboração mútua e complementar pode construir pontes de conhecimentos mais flexíveis, adaptados e coerentes para a realidade atual da humanidade. No entanto, não é pressuposto destes campos marchar intencionalmente para esta direção.

Interessa tão somente que estas considerações ampliem e/ou esclareçam a percepção dos estudiosos do Espiritismo sobre o “momento” em que o Espírito transita, favorecendo a construção de um entendimento de Espiritismo Científico como aquele que caminha ao lado das ciências sem, no entanto, amalgamar-se a elas ou negá-las.

Desse modo, assumir com maior seriedade o compromisso com os estudos da Doutrina Espírita, significa empenhar-se com a devida consciência de sua importância na construção e continuidade do conhecimento doutrinário. Além disso, o desafio e a complexidade em que os fenômenos espíritas ocorrem constitui um trabalho árduo e circunspecto que somente aqueles que se percebem como herdeiros desta causa e continuadores desta obra é que podem agir em favor de novos tempos.

Referências

BLEICHMAR, Silvia. **Nas origens do sujeito psíquico: do mito a história**. Tradução de Kenia Ballvé Behr. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

CHIBENI, Sílvio S. **A Pesquisa Científica do Espírito**. 2010. Disponível em: <www.geeu.net.br/artigos/artigos.htm>. Acesso em: 20 Ago. 2013.

_____. **A Ciência Espírita**. Reformador, junho, 1994.

_____. **A Excelência Metodológica do Espiritismo**. Revista Internacional de Espiritismo, março 1991.

_____. **O Paradigma Espírita**. Reformador, agosto, 1987.

FRANCO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2005

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Trad. Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2001.

JAPIASSÚ, Hilton, MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. ed. comemorativa. trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

_____. **O que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.

MASSI, Cosme. **Sobre a Estrutura Didática de O Livro dos Espíritos**. Reformador, julho, 1997.

PIRES, José Herculano. **Introdução à Filosofia Espírita**. São Paulo: Paidéia, 1983.

_____. **Colaboração Interexistencial**. In: Curso Dinâmico de Espiritismo, Paidéia, 1979.

_____. **O Homem no Mundo**. In: O Espírito e o Tempo. São Paulo: Pensamento, 1964.

SPITZ, René. **O primeiro ano de vida**. Tradução de Erothisdes Millan B. da Rocha. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

